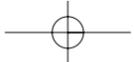




COLA À CAPA





C L Á S S I C O S A **B** **R** **I** **N** **C** **A** **R**

© 2007, Sara Rodrigues (texto)
© 2007, Cristiana Resina (ilustrações)

Capa: XP Design

1.ª edição: Junho de 2007
Depósito legal n.º 253215/07
ISBN: 978-972-41-5079-6
Reservados todos os direitos

ASA Editores, S.A.

SEDE

Av. da Boavista, 3265 – Sala 4.1
Telef.: 226166030 • Fax: 226155346
Apartado 1035 / 4101-001 PORTO
PORTUGAL

E-mail: edicoes@asa.pt
Internet: www.asa.pt

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Av. Eng. Duarte Pacheco, 19 – 1.º
Telef.: 213802110 • Fax: 213802115
1070-100 LISBOA
PORTUGAL

Os Miaus

Adaptação livre de *Os Maias*, de Eça de Queirós

Texto SARA RODRIGUES
Ilustrações CRISTIANA RESINA



EDIÇÕES
ASA



I

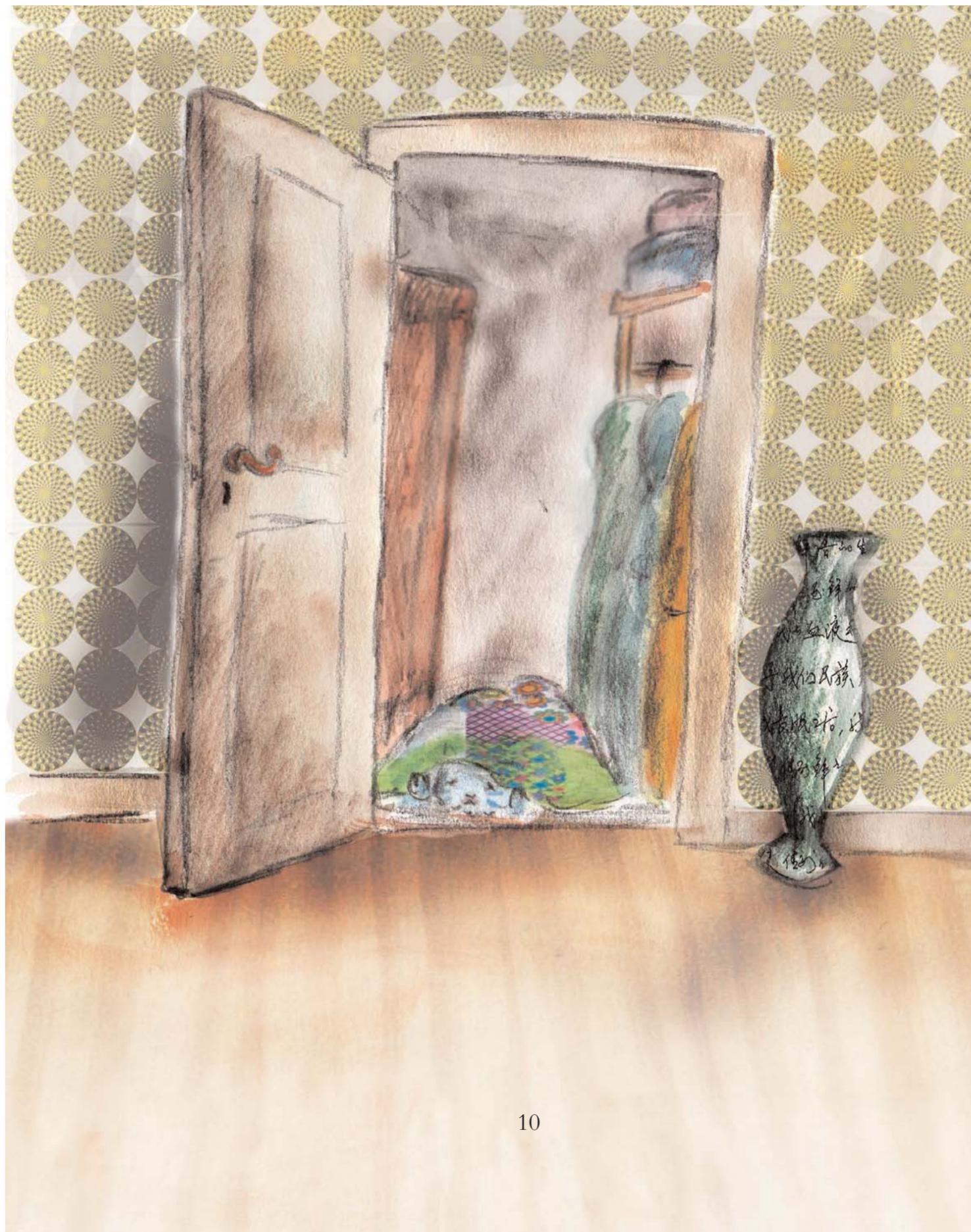
Era uma vez, há muitos e muitos anos, no tempo em que as senhoras vestiam saias compridas de balão e os homens usavam cartolas na cabeça, um senhor chamado Afonso, que vivia numa vivenda muito grande e bonita, em Lisboa, mais conhecida por Ramalhete. Afonso gostava muito de gatos e um dia resolveu oferecer à sua mulher, Maria Eduarda, um lindo gatinho persa azul, ao qual deram o nome de Pedro. Pedro de Miau, por causa dos miaus agudos que ele soltava quando o deixavam sozinho.

Pedro era ainda muito pequenino e frágil quando os donos saíram de Portugal para irem viver para Inglaterra. Em Lisboa, Pedro podia passear e apanhar sol nos jardins da casa dos donos. Mas em Londres, a capital de Inglaterra, o tempo estava sempre cinzento e, como moravam num apartamento, Pedro mal podia sair de casa. Afonso não gostava de ver o seu gato sempre ali fechado, mas Maria Eduarda tinha medo que ele se constipasse, ou se perdesse, por isso nunca o deixava sair.

– O nosso gato não é um gato qualquer! – dizia. – É um persa. E os persas foram feitos para estar em casa!

Maria Eduarda mandou vir de Lisboa um treinador de gatos para que Pedrito de Miau aprendesse alguns truques, mas Vasques – o treinador –





era muito rígido e não deixava o pobre gatinho fazer nenhuma tropelia sem lhe dar com o jornal no focinho.

– Toma lá para aprenderes! Hás-de ser um gato bem-educado...

Pedro fez-se um gato muito educado, mas também muito frágil. Tinha medo do vento que soprava nas janelas e da chuva que caía no telhado. Qualquer corrente de ar o constipava, e quando Pedro se atrevia a espreitar às varandas, assustava-se com os automóveis que passavam e com as vozes das pessoas que riam ou discutiam na rua. Tinha medo de tudo. E de nada.

Um dia, Maria Eduarda adoeceu, e Afonso resolveu trazê-la para Portugal, para que ela passasse os seus últimos anos de vida na cidade onde nasceu: Lisboa. Pedrito, que entretanto já estava

quase um gato feito, regressou com eles. Não era um gato muito grande, porque nunca tinha corrido, nem apanhado ar, mas tinha sempre o pêlo muito bem penteado e as unhas muito bem cortadas por Vasques.



Afonso quis fazer-lhe uma casa no jardim, para ele se habituar a viver ao ar livre, mas Maria Eduarda não deixou.

– O Pedrito é o meu gato de estimação. Tem de estar comigo, em casa, para me fazer companhia.

Afonso não era capaz de dizer que não à mulher. E Pedrito não se importava nada com isso, claro! Preferia os mimos da sua dona ao vento que soprava lá fora e lhe emaranhava o pêlo sedoso. Uma casinha de madeira no jardim não estava de todo nos seus sonhos. Quanto muito, estaria nos seus piores pesadelos!

Depois de Maria Eduarda morrer, Afonso decidiu que a vida de Pedro tinha de mudar. Mandou Vasques embora e, na porta da rua, mandou abrir uma portinhola pequena para Pedrito entrar

e sair quando quisesse. Mas este preferia ficar deitado no sofá da sala onde a dona costumava afagar-lhe o pêlo. De vez em quando lá saía um bocado, para fazer a vontade a Afonso, mas depois sujava sempre as patinhas, e prometia a si mesmo que nunca mais daria nenhum passeio.

As brigas com os gatos da vizinhança também não lhe diziam muito. Quando aparecia algum rafeiro no jardim a oferecer-lhe



briga, e ele não tinha tempo de fugir para dentro de casa, não tinha outro remédio senão defender-se, mas nunca era ele a provocar uma zaragata. Só o trabalho que dava depois a desemaranhar o pêlo... Uma chatice! Por isso, quanto menos saísse de casa, melhor. Aquele é que era o seu mundo.

Mas não o seria por muito mais tempo...



II

Tudo corria assim-assim, nem bem nem mal, na vida de Pedro, quando apareceu naquelas bandas uma linda gata, toda amarelinha, cheia de pêlo viçoso, que despertou o interesse do nosso gato. Alenquer, o pardal que costumava ir matar a sede num pequeno lago que havia na casa de Afonso, contou o que sabia:

– Chama-se Maria e é arraçada de gatos vadios, por isso não é para o teu bico, Pedro de Miau. Tu és um gato persa puro!

Mas a raça de Maria pouco importava a Pedro. Maria era uma gatinha linda, tudo o resto, ele não queria saber. E, pela primeira vez na sua vida, Pedro encheu-se de coragem e saltou os portões da

vivenda para ir pedir a gatinha Maria em namoro. Ela achou-lhe graça, e aceitou. E a partir desse



dia, Pedro começou a passar mais tempo fora de casa do que dentro, passeando com a gatinha dos seus sonhos.

Afonso gostava de ver o seu gato a levar uma vida mais saudável, mas quando um vizinho lhe disse que Pedro de Miau andava de namoro com uma gata arraçada de gatos vadios, Afonso ficou preocupado. Afinal de contas, o seu gato era de raça pura, tinha custado muito dinheiro, não podia acasalar com uma gata qualquer. Afonso começou então a fechá-lo em casa, para que ele não se encontrasse com a gatinha, mas Pedro estava verdadeiramente apaixonado e, um dia, de madrugada, escapou-se pela janela da cozinha para ir ter com a sua namorada, e não apareceu para comer, nem para dormir. Passou um dia, passou outro, e nada! Afonso ficou muito triste, mas

também não foi à procura do seu gato. Sabia que não adiantava ir buscá-lo para o manter prisioneiro, porque ele acabaria por fugir outra vez. Pedro, se quisesse, é que teria de voltar de livre vontade.

Mas voltar era o que Pedro menos queria naquele momento. A sua gatinha Maria também fugira ao seu dono, e os dois andavam em lua-de-mel pela Europa, viajando em comboios de mercadoria ou camiões de carga. Comiam restos de restaurantes de luxo e dormiam em casas de pessoas que lhes abriam a porta, fascinadas pela sua beleza.

Mas até das coisas boas as pessoas se fartam... e, pelos vistos, os gatos também...

Um dia, Maria fartou-se da vida que levava. Começou a ter saudades de Portugal, e pediu a



Pedro que a levasse de volta ao seu país. Ele, que nunca lhe recusava nada, fez-lhe a vontade. Achava que Afonso lhe perdoaria e o receberia, juntamente com Maria, em sua casa, mas quando lá chegaram, Afonso não lhes abriu a porta. Tinham passado muito tempo fora, e Afonso não acreditava que eles tivessem vindo para ficar. Tinha medo de se afeiçoar novamente ao seu gato e depois sofrer quando ele fugisse novamente.

**Pedro e Maria
a dormirem no jardim,
com dois gatinhos
recém-nascidos**

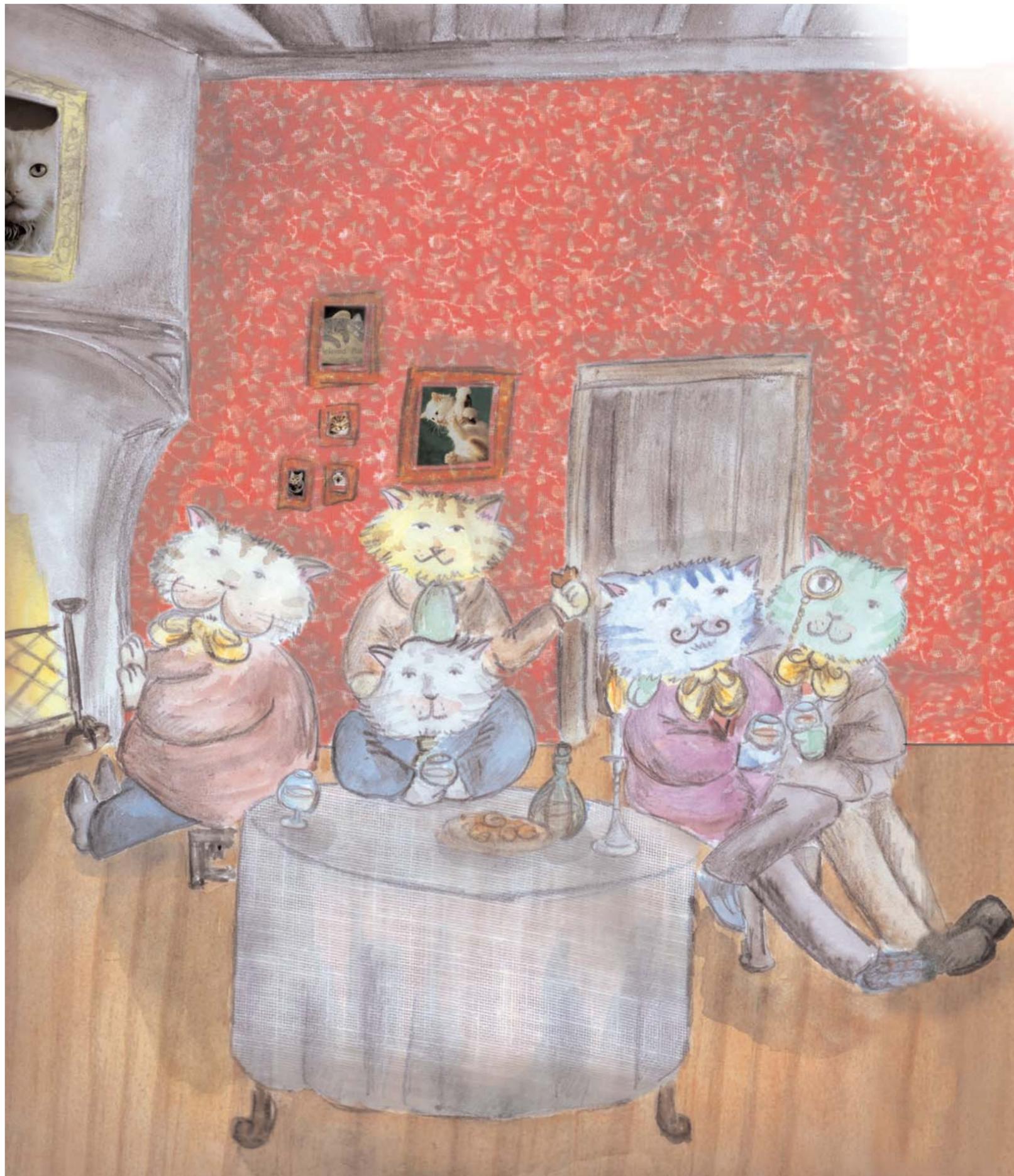
Assim, Pedro de Miau e Maria tiveram de dormir no jardim, e por lá ficaram mesmo quando Maria deu à luz dois gatinhos, lindos, um azul e outro amarelo, ambos com o pêlo comprido do pai e o focinho arrebitado da mãe. Muitos gatos das redondezas foram felicitar Pedro e Maria. Só Afonso teimava em não querer saber nada deles. Não os punha fora do seu jardim, nem impedia que a empregada lhes desse de comer, mas nunca lhes abria a porta de casa, nem vinha ao jardim fazer-lhes festas. Era como se eles não existissem.

E assim foi até que, numa tarde chuvosa de Dezembro, Pedro de Miau apareceu na janela do escritório, todo molhado e a tremer de frio, roçando as patinhas no vidro. Afonso não resistiu e foi abrir-lhe a porta. E quando espreitou para o jardim, percebeu o que acontecera: Maria tinha



partido. Conhecera outro gato, italiano, chamado Tancredo, e partiu com ele, abandonando Pedro e um dos seus gatinhos, que se escondera no momento da partida, para não ter de ir embora. Afonso chamou pelo gatinho que ficara, e Carlinhos (assim lhe chamaram) correu a aninhar-se nas suas pernas. Afonso levou-o para dentro de casa e, nessa noite, Carlinhos dormiu aos pés da sua cama. Era pequenino de mais para perceber que a mãe nunca mais voltaria, mas Pedro sabia-o, e estava muito triste. Tão triste que, poucos dias depois, acabou por morrer de desgosto.

Afonso ficou com muita pena do gatito Pedro, e prometeu a si mesmo que nunca deixaria Carlinhos apaixonar-se por uma gata arraçada de gatos vadios que o fizesse sofrer daquela maneira.



III

O tempo passou e Afonso mudou-se para o norte, para a quinta de Santa Olávia, que ficava nas margens do Douro. Lá, Carlos tinha espaço para correr, árvores para afiar as unhas e ratos para caçar. Brown, o criado inglês que ficou encarregue do gatito, preferia vê-lo crescer forte e saudável a vê-lo muito educado e penteado, mas franzino. E Afonso também preferia assim.

Mas quando Carlos se tornou um pouco maior, Afonso achou

melhor enviá-lo para uma escola de treino de gatos que ficava em Coimbra, para que ele pudesse conviver com gatos de raça e aprender aqueles truques que os gatos mais espertos sabem fazer. E a Carlos não faltava esperteza. Depressa aprendeu tudo e voltou para casa com um diploma de Melhor Aluno.

Afonso, entretanto, regressara a Lisboa, ao Ramalhete. Foi lá que recebeu de volta o gatito, que se fizera adulto. Um belo gato persa, azul, como o pai, que ninguém diria não ser puro. Outro gatito seu amigo, de raça siamesa, também se mudou para lá. Ega – assim se chamava – era um gato muito divertido, mas passava a vida a fazer asneiras. Tinha a mania que sabia escrever, e então adorava sujar as patas com compota e desenhar letras nas carpetes ou nos sofás. A sua dona já

estava farta de ter a casa sempre suja, e um dia que apanhou uma constipação, aproveitou para pôr o gato Ega fora de casa, com a desculpa de que era alérgica a gatos. Valeu-lhe o seu amigo Carlos, e Afonso, que não se importava de ter mais um gato em casa.

A vida no Ramalhete era muito divertida. Afonso passava os serões a jogar às cartas com os seus amigos:





o senhor Diogo, que tinha uns bigodes até às orelhas, o Sequeira, que era general e já não tinha cabelo, e o Steinbroken, que era Ministro na Finlândia.

Também apareciam uns amigos de Carlos de Miau e Ega, que entravam na vivenda como se fossem da casa: Gruges, um gato francês que tinha a mania que sabia tocar piano, Craft, de raça inglesa, que já tinha corrido o

mundo todo sozinho, e adorava contar as suas aventuras, e Dâmaso, um gato pequeno mas muito gordo que, apesar de não ser de raça, dizia a toda a gente que era, e vivia preocupado com a sua aparência e com a dos outros. Enquanto Afonso e os amigos jogavam às cartas na mesa, Carlos e os outros gatos sentavam-se junto à lareira a falar sobre as gatinhas das redondezas. Carlos gostava de namoriscar, mas não se apaixonava com muita facilidade. Continuava à espera da gata da sua vida. E ela não tardou a aparecer...





IV

Um belo dia, estava Carlos de Miau a passear com os amigos quando passou na rua uma linda gatinha amarela, muito bem penteada, com uma coleira de veludo e um laçarote a segurar-lhe um tufo de pêlos da cabeça. Carlos viu-a e ficou maravilhado! Apostaria três carapaus e uma ninhada de ratos em como ela era uma gata persa pura, tal era a sua beleza e perfeição.

– Chama-se Maria Eduarda e chegou agora do Brasil com os donos, uns tais de Castro Gomes. Gente chique a valer! – contou Dâmaso, que adorava uma boa fofoca.

Carlos só tinha visto gatas daquelas nos livros ilustrados que Afonso às vezes lhe mostrava, mas nunca pensou que elas existissem na vida real. Era a gata dos seus sonhos, tinha a certeza, mas Maria Eduarda andava sempre acompanhada por um gato de raça, muito emproado, e uma gatinha pequenina, que Carlos imaginou ser filha deles. Ia ser muito difícil conquistá-la.



Mas a sorte, um dia, bateu-lhe à porta. Era de manhã cedo, Carlos tinha acabado de comer o seu prato de biscoitos no jardim, quando Dâmaso apareceu em cima do muro, a chamá-lo:

– A filha da Maria Eduarda caiu no lago da casa dos donos, e eu não conheço nenhum gato, a não ser tu, que saiba nadar.

Carlos de Miau tinha aprendido a nadar em pequenino, quando morava nas margens do rio Douro.

– Conto-te o resto pelo caminho. Anda!

Os Castro Gomes tinham ido passear a Queluz e levado com eles Maria Eduarda e o gato emproado. Não estava ninguém em casa deles que pudesse salvar a pequena gatita, de nome Rosa.

Quando chegaram ao local, Rosa estava agarrada a um galho que ali boiava. Precisava de alguém que a puxasse para terra antes que ficasse

sem força e se soltasse. E foi isso que Carlos fez, sem grande esforço.

– És o meu salvador! – disse a gatinha, muito agradecida.

Uns dias depois, Maria Eduarda mandou chamar Carlos para lhe agradecer o salvamento da filha. O gato emproado que andava sempre com ela não estava em casa – andava em viagem com o dono – e Carlos pôde passar a tarde toda a falar com Maria Eduarda no jardim. A partir daí, começou a ir visitá-la todos os dias. Maria Eduarda fazia muitas perguntas a Carlos de Miau, mas raramente falava de si. E o mistério em torno da sua vida deixava Carlos ainda mais apaixonado.

Quando finalmente Carlos lhe confessou que gostava dela, Maria Eduarda respondeu-lhe com uma lambidela.



– Sabes que eu também gosto de ti... desde o primeiro dia em que te vi!

Carlos nem queria acreditar no que ouvia. Ficou radiante, quase com vontade de chorar,

mas de alegria! Começou logo a pensar em fugir com ela e com a pequena Rosa. Mas Maria Eduarda não queria partir assim, e sugeriu que os dois se encontrassem às escondidas, por uns tempos.

Pelo menos até os seus donos voltarem de viagem e, com eles, o gato empreado, a quem ela teria de explicar a situação.

Carlos concordou. Ele também tinha pena



de deixar Afonso sozinho. O dono estava muito velhinho e teria um grande desgosto se ele partisse de repente.

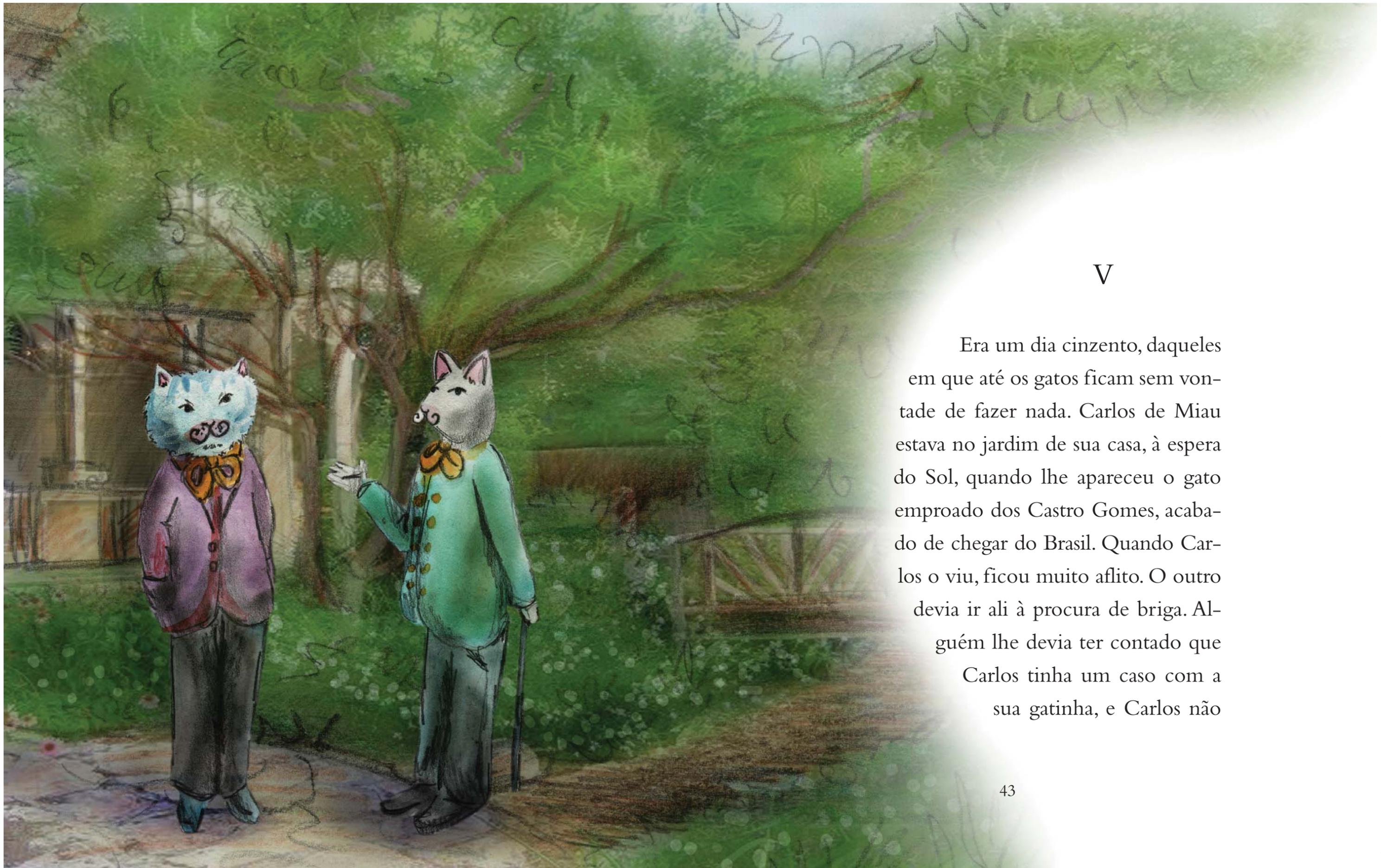
Carlos sabia de uma casinha de madeira, abandonada, que havia na zona dos Olivais, e arranhou-a toda para os seus encontros secretos com Maria Eduarda. Por ser longe de tudo e dar pouco nas vistas, Carlos chamava àquela casita “Toca”, e Maria Eduarda gostou do nome. Já não gostou tanto da casa. Habituada ao conforto do seu cestinho de verga alcochoado, colocado junto à lareira dos donos, não viu com bons olhos ter de dormir naquele chão frio, de madeira, sem aquecimento nem tapetes onde eles pudessem afiar as unhas.

– Podemos arranjar uns cobertores velhos para nos aquecermos – sugeriu Carlos.

– Eu acabo por me habituar, não te preocupes. O importante é estarmos juntos.

E, daquele dia em diante, Carlos e Maria Eduarda começaram a passar todas as tardes que podiam na Toca, a namorar.





V

Era um dia cinzento, daqueles em que até os gatos ficam sem vontade de fazer nada. Carlos de Miau estava no jardim de sua casa, à espera do Sol, quando lhe apareceu o gato emproado dos Castro Gomes, acabado de chegar do Brasil. Quando Carlos o viu, ficou muito aflito. O outro devia ir ali à procura de briga. Alguém lhe devia ter contado que Carlos tinha um caso com a sua gatinha, e Carlos não

poderia negá-lo. Nem queria. Era altura de enfrentar a situação. Respirou fundo e foi ter com ele.

– O Dâmaso contou-me que te tens encontrado às escondidas com a Maria Eduarda.

Carlos soltou um grunhido de raiva. Dâmaso também se tinha apaixonado por Maria Eduarda, que achava chique a valer, e os ciúmes tinham-no levado a denunciar Carlos, que agora se preparava para o pior. Puxou as garras para fora e colocou-se em posição de defesa, mas o gato emproado não tinha ali ido para brigar com Carlos.

– Só vim aqui dizer-te que podes namorar à vontade com a Maria Eduarda, porque eu e ela não temos, nem nunca tivemos, nada um com o outro. Ela é uma gata arraçada que eu encontrei em Londres com uma filha pequenina para criar

e ninguém que tomasse conta delas. Como sou bonzinho, tive pena e pedi ao meu dono que ficasse com elas e as levasse connosco para o Brasil. Desde então, a Maria Eduarda tem-se feito passar por minha gata, mas nós não somos nada um ao outro, nem eu à filha dela.

Carlos a conversar com o gato dos Castro Gomes

Carlos nem queria acreditar no que o outro lhe dizia. Por um lado, se Maria Eduarda não tinha gato, estava livre para namorar com ele. Mas por outro, porque é que ela lhe tinha mentido? E se lhe tinha mentido nisso, também poderia estar a enganá-lo noutras coisas. Por exemplo, quando lhe dizia que gostava dele.

Carlos foi ter com Maria Eduarda, a soltar miaus de raiva. Detestava ser enganado, e Maria Eduarda enganara-o durante tempo de mais.

– Vou dizer-lhe das boas! – dizia para si.

Mas quando encontrou Maria Eduarda, ela já sabia o que se tinha passado, e estava com os olhos cheios de lágrimas. Sabia que não devia ter mentido, mas agora não podia fazer outra coisa a não ser pedir desculpa.

– Tive medo que deixasses de gostar de mim quando soubesses que eu era uma gata vadia! Eu gosto muito de ti, Carlos!

**Carlos e Maria Eduarda
abraçados
(ela a chorar, por exemplo)**

Maria Eduarda falou-lhe então da sua vida passada. Nunca tinha conhecido o pai, sabia apenas que era um gato muito bonito, de raça. Irmãos, também não tinha. Crescera sozinha com a mãe, em casa de uns donos que as tratavam muito bem. Mas um dia a mãe fartou-se da vida calma e sempre igual que vivia e mudou-se com Maria Eduarda para uma casa abandonada cheia de gatos e gatas malcriados e antipáticos, que passavam o dia e a noite a roer espinhas e a dizer



mal uns dos outros. Maria Eduarda detestava aquela vida e, um dia, já adulta, resolveu partir com um gato irlandês (Mac Gren) que estava apaixonado por ela. Teve uma gatinha dele – a pequena Rosa –, mas Mac Gren acabou por desaparecer numa zagata de gatos, e Maria Eduarda foi obrigada a deixar a casa onde vivia e a fugir com a filha. Sem tecto nem donos, as duas andaram a vaguear pelas ruas, e a comerem os restos que encontravam, até que conheceram o gato dos Castro Gomes, que convenceu os donos a ficarem com elas e a levarem-nas para o Brasil.



– O resto, tu já sabes – disse Maria Eduarda, entre lágrimas.

Carlos afagou-lhe o pêlo, e, roçando os seus bigodes nos dela, perdoou-a. Só não podia levá-la para sua casa, porque o velho dono, Afonso, nunca daria autorização. Sempre deixou claro que tudo faria para que o seu gato Carlos não se juntasse a uma gata arraçada. Ele sabia o que tinha sofrido Pedro, e não queria que Carlos passasse pelo mesmo. Mas Carlos estava apaixonado por Maria Eduarda, e ela era a única gata que ele queria. Quer Afonso quisesse, quer não, ele ficaria com ela.





VI

A vida de Carlos, se já era complicada, ainda mais se complicou quando apareceu nas redondezas um gato muito velho, de pêlo todo branco e comprido, que era tio do gato Dâmaso. Chamavam-lhe “o Guimarães”, porque foi nessa cidade que ele nasceu. Era muito menos fofoqueiro do que o sobrinho, e chegou a zangar-se com Dâmaso quando soube que tinha sido ele a contar ao gato emproado que Carlos namorava com Maria Eduarda.

– Ainda por cima – contou um dia a Ega –, eu era amigo da mãe de Carlos. Custa-me tanto acreditar que o meu sobrinho tenha feito uma coisa destas...

Ega interessou-se por aquela história, e quis saber mais coisas sobre a amizade entre o gato velho de Guimarães e a mãe de Carlos de Miau.

– Conhecemo-nos em Paris – contou Guimarães. – Éramos muito amigos. Ela até me pediu para lhe guardar um cofre com documentos pessoais, quando



teve de partir... Depois, perdi-lhe o rasto... Soube entretanto que morreu, coitada.

– E esse cofre, ainda o tem?

– Sim, tenho. Se calhar até devia entregá-lo à família...

Ega achou boa ideia e ofereceu-se para ficar com o cofre, uma vez que estava todos os dias com Carlos de Miau.

– Então, se fizer o favor de o entregar a ele ou à irmã... – disse Guimarães.

Ega pensou que ele estava baralhado.

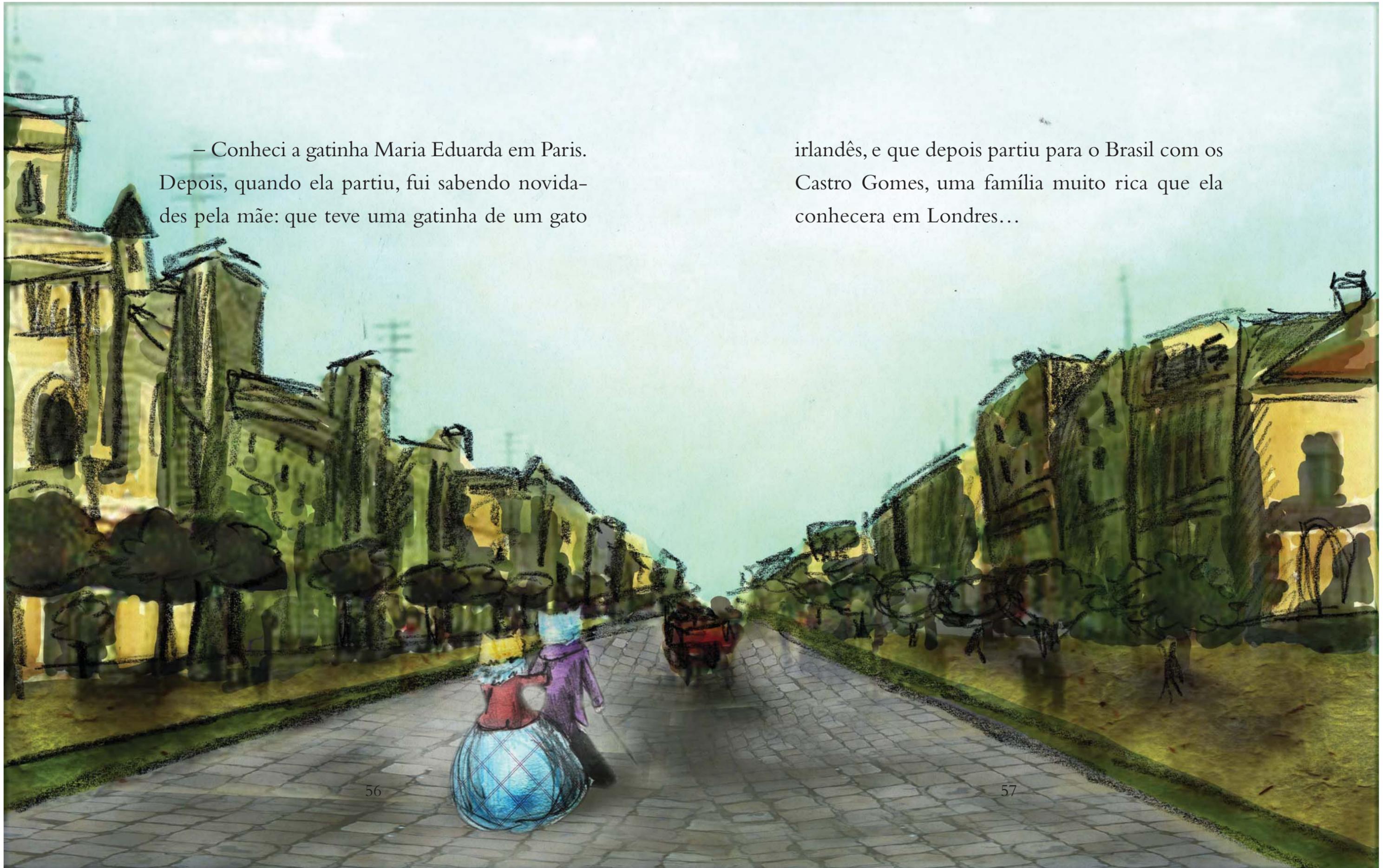
– À irmã? Qual irmã?

– Então, à única que ele tem... A Maria Eduarda! Ainda há bocado os vi juntos.

Ega não queria acreditar no que as suas orelhas ouviam. Mas o gato velho de Guimarães parecia certo do que dizia.

– Conheci a gatinha Maria Eduarda em Paris. Depois, quando ela partiu, fui sabendo novidades pela mãe: que teve uma gatinha de um gato

irlandês, e que depois partiu para o Brasil com os Castro Gomes, uma família muito rica que ela conhecera em Londres...



Ega ouvia tudo atentamente, sem mostrar muita surpresa, para que o gato velho não interrompesse o seu discurso.

– Quando a encontrei a passear com o irmão, reconheci-a imediatamente. Um focinho daqueles nunca se esquece...

– Então a Maria Eduarda sempre soube que era irmã do Carlos? – perguntou Ega, cheio de medo de ouvir a resposta.

– Não. A mãe nunca lhe disse que o seu pai era o Pedro de Miau. Nem sei como é que ela veio a descobrir...

Ega também não fazia ideia. Mas o importante naquele momento era que o gato Guimarães não contasse aquela história a ninguém.

– Mas olhe que a maioria dos gatos da região não sabe a verdade... – disse-lhe. – O Carlos prefere que todos pensem que ela é apenas sua amiga.

Guimarães prometeu guardar segredo e despediu-se, entregando a Ega o cofre com os pertences de Maria, mãe de Carlos e, pelos vistos, também de Maria Eduarda.

Ega a conversar com Guimarães



Ega correu o mais depressa que pôde para casa de Carlos. Mas quando avistou o portão, parou, sem saber o que fazer. Por um lado, achava que devia contar-lhe toda a verdade, mas, por outro, não queria ser ele o portador de tal notícia. Lembrou-se então de pedir ajuda a Vilaça, uma tartaruga muito velha, e pachorrenta, que habitava o Ramalhete, e que, talvez da velhice, parecia

já não ter sentimentos. Era o animal ideal para contar a verdade a Carlos, sem pestanejar. Mas a verdade é que até Vilaça, quando soube o que se passava, ficou sem saber o que fazer.

– E se não é verdade? O que tu me contaste é muito grave...

Decidiram abrir o cofre, para ver o que continha. Abriram-no devagar, com ansiedade, e, entre objectos velhos, sem valor, descobriram uma coleira rosa, muito pequenina, que tinha inscrito o nome “Maria Eduarda”.

– Ora aí está a prova que faltava! Maria Eduarda é filha da mãe de Carlos. Eles são irmãos!



VII

Passaram três dias sem que Ega e Vilaça conseguissem contar a verdade a Carlos. Sabiam que ele ficaria muito triste, porque nenhum gato pode namorar com a sua irmã. Aliás, em espécie alguma tal se viu. Nem nos Homens! Mas ao terceiro dia encheram-se de coragem e contaram a Carlos tudo o que tinham descoberto, de uma só vez.

– Vocês enlouqueceram, com certeza. Eu não tenho nenhuma irmã. E, se tivesse, não ia ser logo a gata por quem me apaixonei.

Era, de facto, coincidência a mais. Mas quando Carlos viu o baú que era da mãe, alguns pertences velhos do pai e a coleira de Maria Eduarda, percebeu que as coincidências às vezes acontecem. Era mesmo verdade.

– A Maria Eduarda tem de saber disto... Por muito que me custe, tenho de lhe contar a verdade...

Carlos vendo o baú com a coleira de Maria Eduarda

Carlos foi imediatamente ter com Maria Eduarda. No caminho, só pensava no que seria a sua vida quando eles se separassem. Ele gostava tanto dela... Queria tanto viver com ela e ter gatinhos... Era muito azar, ter-se apaixonado logo pela sua irmã.

Respirou fundo quando avistou o portão de casa de Maria Eduarda. Precisava de coragem para entrar. Mas ela, pressentindo a sua chegada, saiu de casa e foi ter com ele.

– Carlos... meu amor! Miauuuu...

Roçou o focinho no dele, ronronando de paixão, e Carlos, que ali tinha ido para revelar a verdade, não conseguiu dizer outra coisa senão que também gostava muito dela. Passou um dia, outro e mais outro, e Carlos não conseguia dizer-lhe o que descobrira. Só restava uma solução.



– Vou fugir dela, Ega. É a única maneira de a esquecer...

Nessa noite, Carlos teve pesadelos com Maria Eduarda e Rosa. Acordou em sobressalto, não do pesadelo que estava a ter, mas com os gritos da empregada de Afonso.

– Alguém chame um médico, depressa!

Afonso estava deitado no jardim, sem vida. Carlos correu para lá, lambeu-lhe o rosto e as mãos, mas ele não voltou a acordar. Ega apareceu para consolar o amigo.

– Se calhar morreu de tristeza... – disse Carlos. – Eu também não consegui ser feliz com uma gata de raça... assim como o meu pai...

– Não digas disparates! O teu dono já era muito velho. Morreu porque tinha de morrer! – disse Ega, tentando descansá-lo.

Mas Carlos sentia-se triste. Tinha perdido o seu dono Afonso. E estava prestes a perder a sua Maria Eduarda... Era muita perda para um gato só. Felizmente que quando a vida nos rouba alguma coisa, nos dá quase sempre outra em troca... E Carlos ainda tinha uma vida inteira para receber coisas boas...

Uns dias depois, Carlos partiu para Santa Olávia. Ega ficou, para contar toda a verdade a Maria Eduarda. Detestava ser ele o portador das más notícias, mas alguém tinha de o fazer. Muito bem lavado e penteado, dirigiu-se à Toca, onde Maria Eduarda ia todas as manhã, à espera que Carlos aparecesse. Ela não ficou nada surpreendida quando o viu.

– Já soube que o dono do Carlos morreu... Coitado! Como é que o Carlos está?

Maria Eduarda tinha o pêlo murcho e os olhos inchados de tristeza. E ainda não sabia a pior verdade de todas.

– O que tenho para te contar é mais grave do que isso, Maria Eduarda...

Ega contou tudo o que sabia, de uma só vez. Já tinha escondido aquele segredo tempo de mais. Maria Eduarda escutou tudo o que ele disse, tranquila por fora, mas a arranhar-se toda por dentro. Era difícil acreditar que tudo aquilo fosse verdade, mas quando Ega lhe mostrou a coleira cor-de-rosa que Maria Eduarda reconhecia como sua, não teve mais dúvidas. Era mesmo irmã de Carlos.

**Ega conversando
com Maria Eduarda**



– O Carlos acha que tu devias partir para Paris. Ele tem lá conhecimentos, amigos que te arranjarão casa e uma boa vida.

Maria Eduarda aceitou a sugestão de Ega. Seria mais fácil esquecer o amor que sentia por Carlos se estivesse longe dele. Arrumou tudo o que tinha, disse a Rosa que iam fazer uma viagem, e partiu com ela no dia seguinte de manhã. Ega foi levá-las ao comboio, onde as duas entraram à socapa numa carruagem de mercadoria, e depois partiu noutra comboio para o Douro, onde Carlos o esperava para iniciarem uma viagem pelo mundo. Costuma dizer-se que fugir não é a solução para os problemas. Mas, às vezes, pode ser um ponto de partida...



VIII

Um ano e meio depois, Ega regressou a Lisboa. Vinha bonito, com o pêlo macio, bem penteado e aparado. Via-se que tinha levado uma vida de luxo durante o tempo que estivera fora. Carlos só voltou três anos depois. Encontrou-se logo com Ega, Vilaça, Craft, Cruges... Até Dâmaso veio cumprimentá-lo, e saber por onde tinha andado. Carlos contou tudo, tinha visto o mundo todo, e agora que tinha chegado a Portugal, já só tinha vontade de partir novamente. Foram ao Ramalhete, que estava abandonado. Desde que Afonso morrera que mais ninguém lá tinha ido.

Alguns gatos vadios rondavam o jardim. Dentro de casa, só alguns ratos se entretinham a roubar fios das almofadas luxuosas onde Carlos costumava dormir, para levarem para as suas tocas. Já nada o prendia ali.

– A Maria Eduarda arranjou outro gato... – deixou escapar Carlos, a meio da conversa.

Os outros gatos fizeram silêncio. Até os ratos pararam de roer os sofás.

– Mandou-me um pombo correiro com a notícia. Vai juntar-se a um gato mais velho, de raça, a quem contou tudo o que aconteceu entre nós...

O silêncio manteve-se. Ninguém conseguia perceber se Carlos estava cheio de ciúmes ou simplesmente aliviado. Talvez as duas coisas ao mesmo tempo.

– Falhámos a vida, amigos... Mas, de uma maneira ou de outra, todos a falham. Podemos

Ramalhete abandonado e os gatos à porta a observar

fazer planos, sonhar... Mas nunca se é ou se faz exactamente aquilo que se quer. Às vezes faz-se menos, ou pior... outras vezes mais, ou melhor! Mas a vida consegue ser sempre uma surpresa!

– E isso é mau? – perguntou Ega, filosofando.

– Não. Até acho que é isso que a torna tão saborosa!

Carlos distribuiu biscoitos de gato por todos.

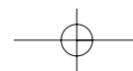
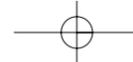
O momento era de um bom petisco.

– E agora, Carlos, como é que te sentes?

– Como se esta história tivesse finalmente chegado ao fim.

Carlos
conformado

E chegou mesmo.



COLA À CAPA